

A desconstrução da irmandade platina: mídia e sentimento de pertença supranacional

Ada C. Machado da Silveira

Pesquisadora do CNPq
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Santa Marfá, Brasil
ada.silveira@ufsm.br

Resumo:

O artigo relata um trajeto de pesquisa de cerca de doze anos sobre diversos aspectos da atividade midiática brasileira em espaços de fronteira internacional. Busca-se explicitar os enquadramentos definidos para compreender as relações entre mídias e sentimento de pertença supranacional na região platina, com enfoque ao desempenho do sistema sul-brasileiro. Os resultados de pesquisa apontam para duas grandes perspectivas de investigação no tema mídia audiovisual e sentimento de pertença: a. A arena descentrada do gauchismo e b. A fratura da intimidade, reconhecidas como presididas por estruturas dominantes, residuais e emergentes.

Palavras-chave: História da mídia; Mídia audiovisual; Estruturas de sentimento.

Abstract:

The article relates a research trajectory of about twelve years about different aspects of the activity of the Brazilian media in international border areas. The aim is to make explicit the frameworks defined in order to understand the relationships between media and the feeling of supranational belonging in the Platinum region, with a focus on the performance of the South Brazilian system. The research results point to two great perspectives of approach in the subject of audio visual media and feeling of belonging: a. The decentered territory of gauchism, and b. The fracture of intimacy, recognized as presided over by dominant, residual and emerging structures.

Keywords: History of the media; Audiovisual media; Structures of feeling.

INTRODUÇÃO

O artigo busca sintetizar os estudos realizados nos últimos quinze anos, especialmente junto a alunos de graduação e de pós-graduação, bem como a leitura dos relatos de pesquisa que, desde então, começaram a surgir. Fazemos uma síntese de parte dos resultados de pesquisa do grupo de pesquisa Comunicação, identidades e fronteiras da última década no cenário audiovisual buscando reconhecer a presenças da estruturas de sentimento. Finalizando, estabelecemos uma breve reflexão sobre o potencial da atividade midiática realizada no Estado do Rio Grande Sul em referência a sua condição histórica de enclave brasileiro no Cone Sul frente à emergência da integração platina.¹

O Brasil, juntamente com a China e a Rússia, possui as maiores extensões de fronteiras terrestres no planeta. No entanto, em nossos nove encontros de tríplices fronteiras com dez diferentes nações latino-americanas parece não vigejar proposta capaz de animar uma comunidade de comunicação, conforme reclama Sánchez Ruiz (2005). Em que pese a importância dessas amplas conexões geográficas, raríssimos estudos apontam para uma estrutura de meios de igual quilate. Caberia ponderar algumas questões como: o que dificulta a construção de comunidades de comunicação supranacionais? Ou, por outra, se as temos, por que nosso sistema midiático não nos permite reconhecê-la?

A dificuldade de reconhecer mitos fundadores supranacionais é especialmente difícil quando se trata de identificar sentidos comuns aos dois grandes

¹ O presente relato aborda aspectos de quatro projetos de pesquisa que contaram com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs) concedido ao projeto *Terras de Fronteira. As estratégias de Comunicação no Brasil Meridional*, ao qual o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) também concedeu recursos de um Edital Universal. Ambas agências, ademais do Fundo de Incentivo à Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria (FIPE-UFSM), concederam bolsistas de iniciação científica no período de 2001 a 2004. Em 2005 o CNPq concedeu recursos de um Edital Universal ao projeto *Jornalismo e estigmas sociais*, o qual também gozou de bolsistas de iniciação científica no período 2005-2008. Em 2009 obtivemos a concessão da bolsa de Produtividade em pesquisa do CNPq para o projeto *Brasil, mostra tua cara. Ambivalência de fronteiras e favelas na cobertura jornalística de periferias*, ademais de recursos de um Edital Universal, bolsistas de iniciação científica e um quota do PNPd-Capes. Em 2012 obtivemos a aprovação da renovação da bolsa PQ com o projeto *Pelos olhos de terceiros. Poder e imaginário na cobertura jornalística de periferias*, para o qual obtivemos ainda a concessão de quota institucional de bolsa Capes-Fapergs para pós-doutoramento, ademais de quotas de bolsa de iniciação científica da Fapergs e CNPq.

espaços linguísticos da América Latina, conforme já apontou Néstor García Canclini (1999).

Considera-se que um dos pressupostos para haver comunidade, é necessário ter solidariedade. Mas foi a diferenciação que o estado nacional promoveu e a recorrente evocação dos conflitos entre portugueses e castelhanos e posteriormente entre seus representantes coloniais que tomou protagonismo, reproduzindo em terras sulamericanas o mimetismo peninsular.

Buscando superar os antecedentes históricos do conflito entre os impérios que nos colonizaram e designaram elementos dominantes de nossas nacionalidades, refletimos sobre nosso caminho investigativo no sentido de identificar:

- As limitações da produção discursiva de representações midiáticas realizadas em conformidade à ordem heterônima determinada pelo Estado-nação no espaço platino de soberania brasileira (e que denominamos de Terras de Fronteira do Brasil Meridional num primeiro projeto de pesquisa).
- Os significados compartilhados por comunidades de comunicação supranacionais especialmente no consumo de entretenimento (programas musicais, telenovelas e programação musical radiofônica cujas análises publicamos em diversos artigos).
- As estruturas midiáticas cujos conteúdos estão emaranhados em identidades híbridas (e que denominamos de malha de comunicação local-internacional).
- Os projetos comunicacionais superadores de dicotomias interpostas por políticas de comunicação nacionalistas (expressos em representações enquadradas como pós-modernas).

Para tanto, inicialmente vamos localizar aspectos do estado da arte sobre o tema de comunicação, mídia e estudos fronteiriços em conformidade ao levantamento realizado por nosso grupo de pesquisa *Comunicação, identidades e fronteiras*, reconhecendo duas perspectivas do sentimento de pertença supranacional em nossas fronteiras: a. A arena descentrada do gauchismo e b. A fratura da intimidade, reconhecidas como presididas por estruturas dominantes, residuais e emergentes.

BREVES NOÇÕES CONCEITUAIS

Passamos a enunciar sucintamente algumas reflexões em torno das categorias fundamentais adotadas em torno da noção de estruturas de sentimento. Entendemos que elas são pertinentes na compreensão de novos e velhos significados, de leituras novas para velhos sentimentos (sentido de comunhão da irmandade platina) e de sentimentos novos para velhas leituras (sentido de

oposição entre espaço lusitano e castelhano). A noção de estruturas de sentimento fornece um caminho cuja trilha permite escapar à fixidez instituída tanto por ideologias políticas dominantes como o próprio movimento tradicionalista enquanto amplo movimento cultural da segunda metade do século XX e vertidas na produção de representações midiáticas de sucesso no Rio Grande do Sul e, em alguns casos no Brasil.

Buscamos entender as práticas representacionais de nossa mídia audiovisual em acordo com a proposição de Raymond Williams referente a estruturas de sentimento, um conceito problemático conforme o sociólogo inglês Filmer (2009: 371) analisa. O tomamos, inicialmente, a partir de um forte vínculo entre literatura e experiência social:

A ideia de uma estrutura de sentimentos pode ser especificamente relacionada à evidência de formas e convenções –figuras semânticas– que na arte e na literatura estão quase sempre entre as primeiras indicações que tal estrutura está se formando (...) em termos de uma teoria da cultura, é uma maneira de definir formas e convenções na arte e na literatura como elementos inalienáveis de um processo material: não como derivações de outras formas sociais ou pré-formas, mas como um tipo especial de formação social que por sua vez pode ser visto como uma articulação (geralmente a única articulação disponível) de estruturas de sentimentos que nos processos de vivência estão sendo experimentados muito mais gerais (Williams, 1979: 133).

Atribui-se ao conceito de estruturas de sentimento a faculdade de relacionar o extraordinário da literatura ficcional ao ordinário do processo cultural. Sua utilização considera o sentido de literatura na articulação de alternativas para visões dominantes de mundo, e para a compreensão de novos significados e de características emergentes na sociedade:

Estamos então definindo esses elementos como uma estrutura: como uma série, com relações internas específicas, ao mesmo tempo engrenadas e em tensão. Não obstante, estamos também definindo uma experiência social que está ainda em processo, com frequência, ainda não reconhecida como social, mas como privada, idiossincrática, e mesmo isoladora, mas que na análise (e raramente de outro modo) tem suas características emergentes, relacionadoras e dominantes, e na verdade suas hierarquias específicas (Williams, 1979: 134).

É necessário ter em consideração que a imprensa e as literaturas nacionais, a partir do século XVIII, são reconhecidas como os grandes fatores aglutinadores e propiciadores de uma consciência nacional, um fenômeno que Benedict Anderson (1983) identificou em outras sociedades como o advento das comunidades imaginadas, configuradas discretamente com base num lastro cultural

comum e desestimando o peso da contiguidade física para sua coesão interna. Ademais da interpretação de Anderson sobre a contribuição específica do livro e da imprensa à difusão do ideário nacionalista e sua ação em prol da coesão nacional, Anthony D. Smith (1997: 142) ressaltaria também a contribuição das redes de comunicação de pequena escala para a proliferação de nacionalismos linguísticos e étnicos na atualidade.

No Brasil Meridional, as práticas de comunicação do que denominamos Terras de Fronteira expõem exemplarmente esta tese. Indo ao encontro de seus conterrâneos, a imprensa e, na sua esteira, as emissões radiofônicas e televisivas atuaram e continuam intercedendo no tempo e no espaço de seus públicos com a certeza e o orgulho de que oferecem algo fundamental a sua existência limítrofe. Um excelente material para ser explorado à luz das estruturas de sentimento proposta por Raymond Williams (1979).

Para o caso em questão observamos que há um forte antecedente nas análises literárias. Da perspectiva hispânica, a crítica argentina Josefina Ludmer (1996) num verbete elaborado para uma enciclopédia da Universidade de Cambridge, traz um exemplo da arraigada a atitude de pensar nossa história sob o enfoque nacionalista. Ludmer ignora a produção em língua portuguesa, ainda que os marcadores por ela elencados no reconhecimento do gênero gauchesco possam ser plenamente identificáveis na produção literária de língua portuguesa do Rio Grande do Sul: a ordem legal e as guerras. Da mesma forma, o crítico brasileiro Nelson Werneck Sodré (1988) antecipou-lhe ao analisar a literatura do gauchismo produzida no Rio Grande do Sul e expressa apenas em língua portuguesa.

Creemos que com um exemplo apenas se pode apontar que essa realidade, no entanto, tem dias contados. Aldyr Garcia Schlee transita igualmente entre o universo sul-brasileiro e uruguaio, escrevendo romances e contos em português e castelhano.²

Assim, se literariamente já estamos superando as estruturas de sentimento dominantes, resta-nos analisar do ponto de vista das representações audiovisuais. Falamos aqui de comunicação midiática, aquela que, na esteira da indústria cultural inaugurada pela literatura, engendrou novos gêneros explorados por representações audiovisuais.

² Em 2011, Schlee, foi reconhecido pelo público como o meritório ganhador do Prêmio RBS durante a Feira do Livro de Porto Alegre por votação *on line* para o conjunto de sua obra. Autor de contos sobre o universo fronteiriço, autor do design da camiseta canarinho da seleção brasileira em 1957, Schelle concorreu com peso-pesados da literatura: Lya Luft (autora de *best sellers* e cronista de *Zero Hora* e de *Veja*) e a professora de filosofia Cathrin Rosenfeld.

SENTIDOS DOMINANTES: A POLÍTICA BRASILEIRA DE CRIAÇÃO DA CORTINA AUDIO-VISUAL

Quando começamos os estudos sobre a atividade comunicacional nas Terras de Fronteira do Brasil Meridional e sua produção de sentidos, no ano de 2000, imediatamente nos deparamos com a dificuldade de encontrar categorias que dessem conta de fenômenos pouco abordados pelos estudos de Comunicação do Brasil como hibridismo cultural, heteroglossia, práticas entre-línguas e a incidência de políticas de comunicação em seus contextos.

Naquele momento inicial não localizamos um único autor da área da Comunicação tratando do assunto. Passados alguns anos conhecemos algumas pesquisadoras e suas teses/dissertações (Resende, 2005; Ota, 2006; Radatz, 2009; Zamin, 2008, 2012). Elas se ocuparam de estudar, por diferentes abordagens teórico-metodológicas, o que se pode considerar genericamente como a emissão de conteúdos ao nível local.

Ao mesmo tempo em que reconhecíamos o trabalho dessas pesquisadoras, trabalhamos com vários alunos de graduação em sucessivos projetos sobre o tema. Surgiram trabalhos publicados em diversos momentos como a malha de comunicação local-internacional (Silveira, 2003b), censura no rádio no período varguista (Adamczuk y Silveira, 2008), o histórico de articulação jornalística em entre emissoras locais, regionais e cabeças-de-rede através do caso da estreia da emissão de um bloco local do *Jornal Nacional* em Santa Maria-RS, em 1969, dois meses após a criação daquele telejornal (Silveira e Seibt, 2006).

Jorge Japur (2013) dedicou-se a estudar as condições de implantação e consolidação de uma empresa radiojornalística familiar em Quaraí-RS, fronteira com o Uruguai. Seu avô, libanês, passou por agruras no sentido de manter a rádio AM sendo estrangeiro e localizado em faixa de fronteira. Adriana Sturmer dedicou-se a levantar a produção de programetes intercalados no horário comercial de emissoras de televisão nas terras de fronteira produzidos localmente sobre suas atividades culturais (Stürmer e Silveira, 2006, 2008). De outra perspectiva, destacamos o trabalho de Angela Zamin (2008, 2012) sobre os valores de pertencimento local no jornalismo, no qual a autora preocupou-se em caracterizar os dispositivos de caracterização da perspectiva localizada nas práticas discursivas. Igualmente, Adreia F. Weber vem trabalhando a questão das manifestações entre-línguas nas emissoras radiofônicas em municípios da faixa de fronteira, bem como muitas outras pesquisadoras na interface Comunicação e Estudos Linguísticos (Irala, 2012; Weber, 2011a, 2011b; Weber e Raimondi, 2011). Elas procuram dar conta de fenômenos que se manifestam no interior do hibridismo na identidade cultural, ao convocar memórias étnicas distintas, ademais de acenar para a possibilidade de

que a cortina audiovisual esteja sendo rompida pelos falares locais, pondo de manifesto estruturas de sentimento residuais e emergentes.

A faixa de fronteira e a comunicação midiática

O surgimento das indústrias culturais nas Terras de Fronteira do Brasil Meridional implicou num grande incremento das relações próprias à vida no território confinante politicamente, mas contíguo do ponto de vista cultural. As Terras de Fronteira dos Estados-nação do Cone Sul comungam de uma cultura comum e, no caso, das sul-brasileiras, os choques e lutas armadas concorreram a conceder o seu caráter especial e, inclusive, emprestar traços distintivos à própria cultura do gauchismo como um todo.

A faixa de fronteira que em 1979 o Presidente Ernesto Geisel regulamentou como os 150 quilômetros internos à linha de fronteira nacional não permite conceber todo o esforço condensado neste limite porque, no caso do Rio Grande do Sul, o processo de demarcação confunde-se com a própria história do estado. Nestes territórios está vedada a instalação de meios de comunicação sem o prévio assentimento dos órgãos competentes do governo federal.

Ao longo da história, a demarcação de uma sucessão de linhas de fronteira foi responsável pelo surgimento de uma região com características de Marca de Fronteira a sudoeste do Rio Grande do Sul. A atual micro-região da Campanha surgiu como a herdeira americana de confrontos peninsulares históricos entre as coroas ibéricas no período que se estendeu do final do século XVII ao início do século XIX. Ela corresponde à faixa de fronteira cuja progressiva dilatação, fruto de diversos tratados diplomáticos, culminou com a criação do estado nação do Uruguai (1826), configurado em *buffer zone* entre o Império do Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata, mais tarde Argentina. Ainda hoje, a metade sudoeste do estado é conhecida pela denominação de Fronteira. Juntamente com a outra micro-região das Missões, elas guardam a arca de valores identitários por terem vivido a época de outro da cultura sulista (Silveira et al., 2007).

Assim, nosso entendimento do problema e as opções de enquadramento teórico seguidas apoiam-se nos principais antecedentes teóricos considerados a partir de duas premissas fundamentais, a saber: a) a condição descentrada da identidade gaúcha, a qual permite constatar que sua sociedade mantém um sistema de lealdade cruzada, sustentando simultaneamente um apoio político ao Brasil nação, ao mesmo tempo em que atualiza continuamente seus profundos vínculos culturais com os países platinos (Silveira, 1998; 2001; 2003a; 2006). O descentramento é crítico no território aqui designado por Terras de Fronteira, cuja sociedade organizada é observado naquilo que entendemos como: b) a diversidade de vozes no espaço comunicativo das Terras

de Fronteira. A diversidade de vozes expressa-se na convivência multicultural, de todos os povos colonizadores e na criação do mito do gaúcho-*gaucho*, representação responsável pela identificação primeira dos indivíduos em vários estados. Este mito expressa o hibridismo cultural e a condição plurinacional de uma identidade cultural.

Neste contexto, confirma-se como outro ponto crucial para estudo o que vem a ser a recuperação dos parâmetros que possibilitaram a regionalização da produção de conteúdos das indústrias culturais no Rio Grande do Sul, evidenciando um arranjo que toma o caráter da polifonia discursiva de suas práticas. Esta característica, que em parte é fruto do multiculturalismo sul-americano, proporciona um dos elementos mais ricos para análise no momento em que pretendemos sustentar a diversidade de vozes que sustentaram e continuam a sustentar a ordem heterônima nas Terras de Fronteira.

Ambos os aspectos concorrem a elucidar outro ponto: c) relação entre as representações midiáticas e a memória coletiva nas Terras de Fronteira. Entendemos que faz-se dedutível do conjunto de premissas que, nas Terras de Fronteira do Brasil Meridional, a incumbência de manutenção dos ideais do Estado-nação –aqui entendidos por ordem heterônima– teria sido especialmente assumida pelos meios de comunicação audiovisuais, privilegiados pelas ações do Estado brasileiro com vistas a afirmar-se frente aos vizinhos do Cone Sul.

Localizando a malha de comunicação local-internacional

Quando nos detivemos na investigação do que poderia configurar-se como a experiência própria das Terras de Fronteira do Brasil Meridional, investigamos aspectos da discursividade da malha de comunicação de um território que engloba parte da atual faixa de fronteira que, devido às sucessivas demarcações históricas, teve seus limites redesenhados em diversos momentos.

Com o propósito de esclarecer algumas das representações audiovisuais em seu vínculo com as estruturas de sentimentos, é importante balizar o propósito de aceitar ou não o cumprimento dos desígnios de bastião lançado do Estado-nação brasileiro. Nesse propósito, sentimentos dominantes, residuais ou emergentes se estruturam, permitindo reconhecer que além da ordem heterônima, responsável pela expressão do sentimento dominante, subsistem vozes que possibilitaram a criação de uma diversificada malha de comunicação, compreendida em sua variedade e polifonia e expressiva de estruturas sentimentais residuais e emergentes.

O regime militar preocupou-se em concretizar infra-estruturas para o amplo desenvolvimento da rede de telecomunicações em todo território brasileiro (Mattos, 2002). Com isso, o arquipélago cultural característico do Brasil até

então (Marques de Melo, 1995), foi revertido em favor de uma comunicação estruturada com base nos grandes grupos de mídia, cujos centros decisórios localizam-se nas capitais litorâneas.

Considerando-se o período do regime militar como época de rigidez política e cerceamento dos meios de comunicação no Brasil é necessário reconhecer a idiosincrasia de estabelecer uma ampla infra-estrutura de comunicações, a par do desenvolvimento do nacionalismo simbólico neste outro nível (Mattelart y Mattelart, 1978, 1987), diferenciado daquele praticado no primeiro período varguista. Assim, as contradições da política de comunicação do regime militar brasileiro consistem em constatar que, a par das práticas de controle dos meios e censura dos conteúdos, houve um amplo desenvolvimento das infra-estruturas de comunicação que, ao final, beneficiaram a implantando de emissoras de TV de caráter regional e/ou local.

Para o Rio Grande do Sul, no entanto, houve uma política particular. Sua análise aponta para algumas contradições que não têm sido apreciadas pelos analistas da Economia Política da Comunicação. As análises generalistas e concentradas na estrutura de meios produzem um enquadramento que a converte em satélite bélico do Estado-nação. Em sua produção de conteúdos, no entanto, é possível de confirmar-se a hipótese de uma luta para não ser confundida nem reduzida às circunstâncias políticas que lhe concederam notoriedade nacional, permitindo conhecer estruturas de sentimentos residuais (de confronto aos regimes políticos instituídos em nível nacional, frequentemente identificados por separatismo político) e emergentes (de caráter minoritário).

Em que pese a prevalência ainda hoje dessa perspectiva, em 1996 Alves e Rondelli analisaram detidamente a realidade brasileira de estrutura de meios e propuseram o modelo em cruz que consiste no desenvolvimento verticalizado das redes de televisão, a par de uma estrutura horizontal característica das emissoras radiofônicas e grande parte dos jornais. O modelo permite ainda contemplar a existência de emissoras locais de televisão, características na atualidade principalmente das regiões Sudeste e Sul do Brasil.

Televisão e modernidade na afirmação identitária

A situação colindante das Terras de Fronteira e o desenvolvimento de sua sociedade civil estimulou uma estrita ocupação das bandas de emissões radiofônicas, entre outras características de seu sistema de comunicação. A Sociedade Anônima Rádio Pelotense, fundada em 06.06.1926, que foi a primeira do estado, foi também uma das primeiras no Brasil. O radialismo precocemente assentaria as bases do desenvolvimento audiovisual.

O estado gaúcho, através do protagonismo de sua televisão local na América Latina, cedo demonstrou o desejo e a capacidade instalada de sua so-

cidade civil de organizar-se e implementar canais produtores de conteúdos próprios, não sendo meros repetidores de uma programação nacional. Ainda que pareçam irremediavelmente absorvidos na dinâmica globalizadora da atualidade, o conhecimento da memória de iniciativas deste tipo evidencia que múltiplas vozes se erigiram para dar corpo a um concerto muito variado. Tanto variado como desconhecido dos estudos que entendem as Terras de Fronteira como territórios de finesterre subsumidos na ordem heterônima ditada pelo Estado-nação.

Na história específica deste território, duas emissoras televisivas da sub-região da Campanha requerem nossa atenção. Em 1974, numa concorrida cerimônia com dois ministros e outras autoridades, inaugurou-se uma emissora às margens do Rio Uruguai –no então tríplice ponto de fronteira Brasil, Uruguai e Argentina–, a TV Uruguaiana. A crônica do evento registra a colaboração de esforços entre representantes da maçonaria, do poder eclesiástico e dos judeus titulares do atual grupo RBS de comunicação. Distante cerca de 600 quilômetros dali, em Bagé, a televisão chegou 117 anos depois da introdução da imprensa na cidade. Um antecedente de forte marca contextual, conforme registrou Sérgio Capparelli (1986), sem referência a fontes, que uma prensa de linotipia teria sido tomada aos castelhanos como prêmio de guerra e, da mesma forma, teria sido posteriormente surrupiada nas excursões de Vértiz y Salcedo no século XVIII.

Essa sociedade que já protagonizou o consumo de jornalismo empresarial (Rudiger, 1993), conheceu a eletrificação urbana imediatamente após o Rio de Janeiro, o que lhe possibilitou ser das primeiras a inaugurar a empreitada radiofônica e a televisão local. Ela conheceu a telefonia em ligação direta para Montevidéu antes mesmo de conectar-se à capital do Estado, Porto Alegre, nas primeiras décadas do século XX por iniciativa de um uruguaio (Silveira e Stevens, 2006).

Reitera-se, portanto, que o conhecimento das representações midiáticas, especialmente as estratégias utilizadas na manutenção de sua atualidade em termos de fórmulas e conteúdos preferentes, poderá revelar a memória mais cara a sua sociedade. O estudo acurado de suas estratégias e dispositivos poderá revelar o potencial transformador e o nível de identificação entre as representações midiáticas, passadas e presentes, em sua condição de alicerces do futuro.

Para analisar as estratégias de comunicação nas Terras de Fronteira do Rio Grande do Sul não é possível ignorar sua condição marginal em relação à centralidade do exercício do poder político na federação brasileira. No entanto, esta condição marginal não bastaria para definir o conjunto de elementos que definem as características culturais em sua totalidade. O cumprimento de seus desígnios de bastião lançado do Brasil não foi contraditório, mas antes um elemento integrante das manifestações culturais que são concebidas basicamente a partir dos seus vínculos culturais regionais. Faz-se evidente a

constatação empírica de que as práticas discursivas mais significativas do Estado dificilmente abrem mão de sua condição de representações integrantes da cultura do gauchismo, uma cultura transfronteiriça e cuja expressão por antonomásia constitui-se, paradoxalmente, no principal contendor militar da história do Brasil, a Argentina.

Entendemos que é importante refletir sobre as condições de produção de conteúdos. Considera-se que a prática da modernização das identidades opera na atualização e difusão de aspectos da cultura, principalmente dos níveis populares, que se apresentam folclorizados muitas vezes, através de novos códigos e por novos procedimentos tecnológicos. As representações operam, em algumas situações, despertando reminiscências antigas já desaparecidas do cotidiano. Sua atuação consiste em pôr em dia conteúdos culturais subtraídos do contexto original. Estima-se que, nas culturas populares pré-industriais, e também com relação às minorias sociais, os símbolos obedecem a um código no qual seu significado se apresentaria fechado. Ao tentar-se atualizá-los, produz-se uma manipulação que atua sobre os cânones consagrados desde o passado, o qual pode ser afetado ou não. Estes cânones especificam que existe um código, um cerimonial e um protocolo reconhecido por seus praticantes. Referir aos símbolos, por fim, pode implicar tanto em reverenciar como em desestimar o passado e suas tradições legitimadoras da ordem heterônima ditada pelo Estado-nação. Em outras palavras, afirmar estruturas de sentimento dominantes, residuais ou emergentes a partir de referências históricas comuns.

A realidade apontada acima tem um amplo pano de fundo, para o qual contribuíram a condição de identidade nacional do gauchismo argentino, igual ao que ocorreu também no Uruguai, mas cuja expressão, evidentemente, tem uma posição secundária no Cone Sul. Nestes países, a condição de identidade nacional propiciou a que fossem recrutadas as reservas intelectuais e artísticas superiores da sociedade argentina e uruguaia, ocupadas em construir suas comunidades imaginadas e conceder consistência aos seus projetos de nação.

Muito distinta foi a sorte da cultura do gauchismo no Brasil, sustentando sua perspectiva de cultura regional, algo considerado genericamente como próprio aquelas regiões consideradas periféricas ao Estado-nação (Silveira, 1999). E pontificaram neste propósito autores de outros quadrantes, reconhecidos em seu regionalismo como Gilberto Freyre ou Câmara Cascudo, os quais, muitas vezes, foram tomados como expressivos da oposição existente entre as regiões e o estado nacional. Eles podem refletir uma posição que, inevitavelmente, teria relação com o relativo descaso de algumas identidades regionais em certos momentos e também de suas manifestações artístico-culturais no mercado de bens simbólicos. No entanto, a posição específica do Rio Grande do Sul, no concerto federado do Brasil contemporâneo, indica uma posição específica; o estado sulista não pode ser tomado por central, mas também não é propriamente um satélite dos centros cultural e industrial nacionais.

RESÍDUOS DA MANUTENÇÃO DA POLÍTICA DE LEALDADE CRUZADA

Um rápido histórico permite ver alguns dos paradoxos do desenvolvimento do sistema de comunicação, especialmente entre o nível simbólico e sua conformação material.³

O Brasil contava em 1977 com 75 emissoras de televisão, sem dúvida o cenário mais promissor da América Latina em termos de televisão local, sendo nove em São Paulo e outras nove no Rio Grande do Sul. Em 1969 haviam sido criadas as duas primeiras emissoras do interior do estado sulista: em Caxias do Sul a TV Caxias e a TV Imembuí em Santa Maria, respectivamente no norte e centro geográfico do estado. Em 1972 a TV Tuiti, em Pelotas, e em Erechim uma emissora com o mesmo nome; posteriormente, surgiria a TV Bagé (1977), na fronteira com o Uruguai (Emerim, 2010).

Em 1979, o Rio Grande do Sul superava São Paulo em termos de canais televisivos locais, com 13 emissoras, enquanto o outro estado detinha 11 emissoras. Já em 1984 o número de 75 emissoras no cenário nacional havia saltado para 95 emissoras (cf. Caparelli, 1989). O grande impulso imprimido à televisão local, no entanto, não conseguiria manter-se com expressão plena, em que pese Carlos Tourinho (2007) considerar a RBS gaúcha como a rede de emissoras com maior produção de conteúdo regional no Brasil através da atuação de emissoras locais no interior do Rio Grande do Sul que alcançam produzir cerca de 10% dos conteúdos, geralmente expressos em formato jornalístico.

Os antecedentes deste processo evidenciam que nos anos 1970, os arquipélagos culturais e a autonomia relativa das grandes regiões geográficas brasileiras (algumas delas maiores que a Europa Continental) foram em parte afetados pela ideologia de segurança nacional dos governos militares, traduzida em consideráveis investimentos em telecomunicações, ao mesmo tempo em que não se descuidava dos mecanismos de censura nos conteúdos. Depois deste período, o que aqui denominamos Terras de Fronteira, acusando um “baixo dinamismo regional” e deprimidas economicamente por um complexo de fatores econômicos (latifúndio, concorrência internacional pela similaridade de produtos e técnicas produtivas, rigidez dos sistemas de produção, distanciamento dos centros de decisão política, etc.), passaram a dar mostras de padecer igualmente uma certa forma de “exclusão simbólica”.⁴

³ Ademais do acervo em exposição no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, de Porto Alegre, em 2002, várias obras foram consultadas para realizar estes breves apontamentos históricos (*A História...*, s/d; Vanpré, 1979; Mattos, 2002). Também consideramos os trabalhos de Cárilda Emerim (2010), Cristiane Finger (2009) e Suzana Kilpp (2000).

⁴ O precoce aparecimento da Tv aberta brasileira foi analisado em artigo sobre a encruzilhada do Mercosul, apresentado no II Colóquio Brasil x EUA, realizado em Austin, em 1999.

Concordamos com Maria de L. Elutério (2008) quando articula modernidade técnica e censura política. A análise das representações audiovisuais de sucesso no Rio Grande do Sul permite constatar as estratégias no sentido de dar continuidade à política já observada pelos suportes historicamente anteriores (imprensa e rádio) de lealdade cruzada da cultura do gauchismo em terras brasileiras. Essa política consistiu em manifestar fidelidade política ao Brasil a par da prática de manutenção de vínculos culturais com o espaço platino.

Contudo, a manutenção da política da lealdade cruzada teve seu preço. Ao ter que promover a valorização do nacional incorreu-se no prejuízo de laços identitários locais, dissipados pela arena descentrada do gauchismo. Desta maneira, uma estrutura de sentimento residual passou a ganhar foro na representação televisual e fonográfica conforme analisamos a seguir.

Frontera e sentimento de pertença: a arena descentrada do gauchismo

A estrutura de sentimento dominante que se projeta na produção de conteúdos da mídia irradiada de outros locais no espaço fronteiriço tem origem numa certa leitura histórica.

Para conhecê-la temos que saber que as Terras de Fronteira do Brasil Meridional, deslocadas em mais de dois mil quilômetros do eixo Rio de Janeiro - São Paulo, por ser berço de origem de alguns dos generais e assessores dos Governos Militares, tiveram parte de sua atividade descaracterizada pela força que um tal vínculo proporcionava. Contradizendo o largo processo rumo à centralização ora observada, a imprensa e o sistema de rádio conseguiram manter um forte caráter regional, eles que sempre tornaram possível e instituíram-se em sustentáculo da representação de distintas vozes nos discursos das identidades regionais brasileiras. As identidades culturais, ou mesmo o folclore, sofreram em compasso de espera até que, nos anos de 1980, viriam a reclamar presença, prestando sua voz crítica contra à anodinação de conteúdos prescritos nos governos militares, de um lado, e à homogeneização provocada pela caráter industrial das atividades culturais orientadas pelos mecanismos de mercado capitalista, de outro.

Seguindo a postura de Mirta Varela (2007) de que a história é necessária quando a conhecemos a partir de questões postas pelo tempo presente. E umas das maiores dificuldades é a de criar produtos ficcionais em televisão com conteúdos identitários de sabor regional.

Segundo Bergesch (2010), a primeira voz transmitida pela TV do Rio Grande do Sul foi a de Enio Rockenbach e o primeiro rosto a aparecer na televisão gaúcha foi o de Antônio Nico Fagundes, ao representar um heroico soldado farroupilha no espetáculo de dramaturgia “Piratini – Razão de um nome”: “O conteúdo das primeiras transmissões foi pensado com teledramaturgia ao

vivo, jornalismo e variedades, shows de músicas e séries de enlatados“ (Bergesch, 2010: 39). Os enlatados eram exibidos para cobrir o tempo necessário à programação TV Piratini (depois incorporada pelo SBT).

Fagundes permaneceria na televisão aberta como criador e animador do musical *Galpão Crioulo* por várias décadas. Sua remissão intertextual permite reconhecer várias fontes. Desde o grupo teatral uruguaio *El Galpón*, passando por diversos programas musicais de outras emissoras gaúchas, o produto produzido pela RBS TV e incorporado regionalmente na grade de programação da Rede Globo está no ar há 30 anos com êxito sustentável. Converteu-se na principal vitrine do gauchismo, embasado na matriz luso-brasileira. Em diversos momentos, conforme analisamos em alguns trabalhos (Silveira, 2003a, 2006, 2009b), pode ser confirmada o que aqui referimos como uma estrutura de sentimento dominante na abordagem do que nos diferencia no contexto platino.

Assim, se algumas representações midiáticas que comentamos, como o programa anteriormente referido, permitem analisar a influência ideológica da Guerra Fria, o balanço atual encaminha para a constatação de que, nas relações do Brasil com Uruguai e Argentina, a produção de representações midiáticas no nível local não dá conta da proximidade.

Os governos militares no Brasil foram pródigos na concessão de canais de emissoras locais de televisão, facilitando a implementação da grande regional de televisão, a RBS, ademais de facilitar a estruturação de emissoras que posteriormente viriam a filiar-se a outras como o SBT, RedeVida, Bandeirantes e Record. Um contexto em que se destaca o esforço notório da RBS Tv para produzir elementos de identificação com suas audiências, perseguindo incansavelmente a representação dominante da identidade gaúcha em sua atualização radiofônica, gráfica e televisual. Sua programação de conteúdos referente a esporte e jornalismo o demonstram sobejamente.

Desta forma, enquanto a chamada linha informativa refere as cidades fronteiriças como locais consagrados pela globalização —os apelos de consumo em seus *duty frees*, *shoppings* e práticas de contrabando e de descaminho—, a produção ficcional e musical expõe a estrutura de sentimento emergente da fratura da intimidade.

SENTIMENTOS EMERGENTES: A FRATURA DA INTIMIDADE

Abordar a emergência do sentimento de identificação no espaço platino não é difícil. Novamente convocamos o antecedente literário como sua fonte de maior crédito.

A personagem *O Analista de Bagé* de Luis Fernando Veríssimo, lançada em 1982 como título de crônicas publicadas em diversos jornais de referên-

cia nacional, o livro com uma seleção delas ultrapassou a centésima edição; a peça teatral teve sucessivas montagens e sua conversão em tiras cômicas foi publicada em Playboy de 1984 a 1993. O protagonista falastrão é fruto do hibridismo ibérico em Terras de Fronteira do Brasil Meridional e satiriza sentimentos dominantes frente aos emergentes. Sua criação data do período do último governo militar.⁵ Ela carrega como principal característica uma estrutura de sentimento emergente da irmandade platina e possui forte cariz pós-moderno (Jameson, 1996).

Roberta Brandalise (2008) dedicou-se a estudar a recepção do mais caro produto de exportação televisual brasileiro, as telenovelas. Com trabalho de campo na tríplice fronteira Argentina-Brasil-Uruguai, ela pôde constatar como as tramas explorados pelo núcleo da TV Globo chegam a nossas comunidades limítrofes, superando diferenças idiomáticas e a demarcada rivalidade entre Brasil e Argentina nos campos esportivo, econômico e político. Buscando conhecendo a realidade particular de argentinos e brasileiros, ela identificou elementos próprios ao jogo identitário a partir de representações atinentes aos aspectos tão diferentes como podem ser nações, região, contínuo rural-urbano, diversidade étnica e estratificação socioeconômica na fronteira Argentina-Brasil. Sua caracterização da Argentina ou da fronteira entre o Brasil e a Argentina na ficção televisiva brasileira, estudando a recepção da novela *Viver a vida*, *Sete Pecados* e *Chocolate com Pimenta* apresenta um achado: “Nossa amostra apontou preponderantemente que são nas telenovelas brasileiras que se constroem com mais frequência representações nas quais as relações argentino-brasileiras não são retratadas como de rivalidade” (Brandalise, 2008: 369). Ela constata noutro trecho:

A partir das colaborações de nossa amostra, compreendemos que as representações positivas dos argentinos, da Argentina, e das relações argentino-brasileiras na família mista construída na novela, principalmente por meio da figura de Maradona ou Garcia, medeiam a maneira como brasileiros e argentinos interagem no cotidiano fronteiriço, colaborando para gerar identificação entre eles. Nossos entrevistados não usam o personagem para estabelecer relações de alteridade entre si. Pelo contrário, se apropriam dele para apontar as semelhanças entre brasileiros e argentinos (Brandalise, 2008: 376).

Nossa análise de sucessivas séries brasileiras dedicadas ao tema das identidades regionais, no entanto, aponta noutra direção. É o caso de algumas

⁵ Apresentamos a análise de *O Analista de Bagé* em algumas publicações (Silveira, 2000, 2003, 2006, 2009b).

séries produzidas nas celebrações de aniversários da Rede Globo, como *O tempo e o vento* e *A casa das sete mulheres*, as quais buscaram no recôndito dos acontecimentos de integração da sociedade sulina no Brasil uma fonte de regozijo da brasilidade com vistas à celebração dos 25 e 40 anos da rede, respectivamente. Ressaltamos que os argumentos de ambas as séries apoiaram-se nas guerras fratricidas que tiveram lugar no estado gaúcho e não exploraram relações de rivalidade.

Nas produções de origem regional, destacamos três trabalhos sobre a produção de curtas para televisão aberta os quais, em nosso entendimento, permitiram explorar o sentimento de pertença e as origens híbridas da audiência gaúcha (Silveira, 2009a; Silveira e Stürmer, 2009; Flores e Silveira, 2012). Trata-se de séries documentais, ficcionais e docu-ficcionais produzidas pela rede RBS TV, afiliada à Rede Globo, cuja exibição era então definida como o espaço de produção regional de maior audiência (sábados às 12 hs. 20 min. com 20 minutos de duração).

Analisamos em Silveira (2009a) a atuação do Núcleo de Especiais da RBS TV vem atuando há mais de uma década como embrião de uma produção que não é jornalística, nem musical e nem esportiva. Com ele a RBS mantém seu horizonte utópico de independência da Rede Globo em termos de autonomia de conteúdos.

O êxito das séries apoia-se em elementos distintos como a heteroglossia (diferentes idiomas), e a hibridez espaciotemporal. A produção argentino-brasileira do canal HBO e RT/Features para televisão a cabo intitulada *O hipnotizador* (2015 e 2017) explora tais elementos ao mesclar a fragmentação do tempo, entre linear e subjetivo, a pasteurização da vida, a voragem de acontecimentos que se passam em segundos e a panóplia de sotaques que o espanhol portenho, os portugueses brasileiro e de Portugal e tantas outras possibilidades de atores argentinos, uruguaios, brasileiros, mexicano, espanhol e portuguesa permitem evocar. A produção para TV, ambientada numa evocação da Montevideo apocalíptica, explora as aptidões de um elenco internacional que permite, talvez por primeira vez, evocar os tempos primevos da colonização platina.⁶

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise do Estado-nação, a emergência dos blocos econômicos e o processo de globalização ora em transcurso têm concorrido para desterrar a noção

⁶ A produção é de Luis F. Perazza para a HBO Latin America Group em parceria com a HBO Brasil. A série teve como base a história em quadrinhos dos argentinos Pablo de Santis e Juan Sáñez Vaiente.

política e cultural de fronteira. No entanto, é justamente neste contexto que, novamente, os territórios confinantes podem vir a revelar o valor de suas estratégias de sobrevivência e, mais que tudo, de convivência na diversidade, permitindo-nos compreender como é possível viver frente aos limites, sejam eles territoriais, culturais ou políticos.

Em tempos de espraiamento polissêmico do termo fronteira, convém recordar a noção de fronteiras vivas, denominação daqueles territórios à mercê de um duplo embate. Historicamente, constituem-se em territórios ameaçados de saques e espoliações de parte da banda inimiga. De parte da banda amiga, no entanto, tais terras arrasadas frequentemente sofreram e continuam a sofrer rejeições culturais e políticas dada sua especial condição de serem contíguas ao Estado-nação, porém distintas culturalmente do mesmo por seu inerente hibridismo cultural fronteiriço.

Insistimos que a variedade das estratégias de comunicação contemplada na vasta extensão do Brasil nação propicia a análise de uma multiplicidade de vozes que necessita ser estudada. As Terras de Fronteira do Brasil Meridional, em particular, contêm uma intensa história de pugnas e seu desafio consiste em transformar a memória dos pioneiros em soluções do presente que tenham um alcance de futuro. E é fruto dela uma herança cultural que se evidencia na proliferação de estratégias e seus correspondentes dispositivos, cuja singular caracterização comunicacional carece de estudos aprofundados.

Pode-se considerar que as Terras de Fronteira constituem-se num lugar um tanto especial. Muitos acreditam que é nelas que as coisas realmente acontecem. É um lugar no qual tudo tende a ser decidido em favor de uma ordem heterônima, superior aos desígnios e intenções pessoais. Como Marcas históricas, elas concentram episódios singulares da história do Estado-nação, suas guerras sangrentas, seus atos de heroísmo e a biografia de heróis patriotas. Como encruzilhada de interesses conflitantes, confrontam experiências e perspectivas distintas, concedendo um valor único à sociedade que as conquista.

O estado atual do conhecimento sobre o problema da perspectiva comunicacional é restrito. A perspectiva corrente as enquadra na condição de satélite bélico do Estado-nação e desestima a capacidade comunicativa de sua sociedade. Entendendo que sua condição fronteiriça as consagra apenas sob o ponto de vista de áreas de segurança nacional, seu desenvolvimento comunicacional teria sido estrangido.

Ao estudar as características do estrangimento, observa-se que, por um lado, produziu-se um certo nível de diferenciação com a cultura platina ao aprofundar os conteúdos originários da matriz luso-brasileira em detrimento da vertente platina. Trata-se de uma fase de implantação no Rio Grande do Sul de emissoras locais referentes aos suportes radiofônico (a partir da década de 1920) e televisual (a partir da década de 1960). Os conteúdos preocuparam-se em projetar a afirmação nacional, protegidos por políticas dos gover-

nos de Getúlio Vargas e do regime militar (Haussen, 1997). Produziram-se as bases para uma estrutura de sentimento que, atualmente, convive às vezes nos mesmos veículos comunicacionais com a emergência de conteúdos dirigidos à expressão do sentimento integracionista, de identificação platina.

Considera-se que essa tendência é possível devido à riqueza das experiências passadas das sociedades das Terras de Fronteira do Brasil Meridional. Elas se constituem em sólida referência empírica que poderá subsidiar teoricamente o desenvolvimento comunicacional da faixa de fronteira brasileira como um todo. Os conteúdos produzidos, via de regra estreitamente vinculados à cultura plurinacional do gauchismo, exibem representações que contribuem para a construção de um discurso polifônico que opera em conformidade à ordem heterônima sem abrir mão de seu hibridismo cultural fronteiriço. Vivemos um momento em que a estrutura de sentimento dominante, responsável pelo discurso performático das mídias fronteiriças na produção audiovisual, cede em favor das estruturas residuais e emergentes. A lógica de mercado, no entanto, joga geralmente contra a expectativa cultural de integração da irmandade fronteiriça, desacreditando de seu potencial comunicativo para a política da mudança social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMCZUK, Lindamir e SILVEIRA, Ada C. (2004): “Hibridismo, censura e nacionalismo na produção radiofônica de emissoras fronteiriças durante o Estado Novo”, *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, 27, 2, pp. 115-130.
- A *História da televisão no Brasil*, 3ª parte (s/f): “Comunicação”, Rio de Janeiro, Bloch Editores, pp. 20-23.
- ALVES, R. y RONDELLI, Elizabeth (1996): “Medios de comunicación de masas y poder en América Latina”, *Telos*, Madrid, 47, pp. 73-83.
- ANDERSON, Benedict (1983): *Imagined communities: Reflections on the origin and spread of nationalism*, Londres, New Left Book.
- BERGESCH, Walmor (2010): *Os televisionários*, Porto Alegre, Ardotempo.
- BOURDIEU, Pierre (1980): “L’identité et la représentation: éléments pour une réflexion critique sur l’idée de région”, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, 35, pp. 63-72.
- BRANDALISE, Roberta (2011): *A Televisão brasileira nas fronteiras do Brasil com o Paraguai, a Argentina e o Paraguai - Um estudo sobre como as representações televisivas participam da articulação das identidades culturais no cotidiano fronteiriço*. Tese, Doutorado em Comunicação, Universidade de São Paulo.
- CAPARELLI, Sergio (1989): *Ditaduras e indústrias culturais no Brasil, na Argentina, no Chile e no Uruguai*, Porto Alegre, UFRGS.
- CAPARELLI, Sergio (1986): *Comunicação de massa sem massa*, São Paulo, Summus.

- ELEUTÉRIO, Maria de L. (2008): "Imprensa a serviço do progresso". Em MARTINS, A. P. e LUCA, T. R. (Orgs.), *A história da imprensa no Brasil*, São Paulo, Contexto, pp. 83-102.
- EMERIM, Carlida (2010): "Televisão Bagé Ltda, um breve histórico do crescimento da tevê no interior do RS nos anos 70", *Anais do 3º Encontro do Núcleo Gaúcho de História da Mídia – ALCAR/RS*.
- FILMER, Paul (2009): "A estrutura do sentimento e das formações sócio-culturais: o sentido de literatura e de experiência para a sociologia da cultura de Raymond Williams", *Estudos de Sociologia*, Araraquara, 14, 27, pp. 371-396.
- FINGER, Cristiane (2009): "Os 50 anos de História da Televisão no Rio Grande do Sul", *Revista Universitária do Audiovisual*. Consultado em 30.08.2010, disponível em [http://www.rua.ufscar.br/os-50-anos-de-historia-da-televisao-no-rio-grande-do-sul/].
- FLORES, Fabiano R. e SILVEIRA, Ada C. (2012): "Identidade, um fenômeno comunicacional: a necessária contemplação da esfera midiática em estudos sobre identidade". Em PERUZZOLO, A. C.; MAGGIONI, F.; WOTTRICH, L. e PERSIGO, P. M. (Orgs.), *Práticas e discursos midiáticos: representação, identidade e tecnologia*, Santa Maria, FACOS-UFSM, pp. 16-39.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor (1999): *Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la Modernidad*, México, Grijalbo.
- HAUSSEN, Doris F. (1997): *Rádio e política. Tempos de Vargas a Perón*, Porto Alegre, EDIPUCRS, 1997.
- IRALA, Valeska B. (2012): "Buenas e tal: entre lá, aqui e ali: a fronteira como um tema transversal". Em BICA, A. C.; DORNELLES, C. e MARRANGHELLO, G. F. (Orgs.), *Articulações universidade-escola: perspectivas e possibilidades*, Vol. I, Itajaí, Casa Aberta, pp. 369-382.
- JAMESON, Fredric (1996): *Pós-Modernidade: a lógica cultural do capitalismo tardio*, São Paulo, Ática.
- JAPUR, Jorge (2013): "Análise da atividade midiática de uma emissora fronteiriça: estudo de caso da Rádio Quarai AM". Em FOSSÁ, M. I. T.; SILVEIRA, A. C. M. e LISBÔA FO., F. (Orgs.), *Rádios: sociedade, fronteira, educação*, Santa Maria, FACOS-UFSM, pp. 225-254.
- KILPP, Suzana (2000): *Apontamentos para uma história da televisão no Rio Grande do Sul*, São Leopoldo, Unisinos.
- LUDMER, Josefina (1996): "The gaucho genre". Em ECHEVERRÍA, R. & PUPO-WALKER, E. (Orgs.), *The Cambridge History of Latin-american Literature*, Vol. I, Cambridge, Cambridge University, pp. 608-631.
- MARQUES DE MELO, José (1995): "Development of the audiovisual industry in Brazil from importer to exporter of television programming", *Canadian Journal of Communication*, Vancouver, 20, 3, pp. 317-328.
- MATTELART, Armand y MATTELART, Michèle (1987): *El carnaval de las imágenes. La ficción brasileña*, Madrid, Akal.

- MATTELART, Armand y MATTELART, Michèlle (1978): *Comunicación e ideologías de la seguridad*, Barcelona, Anagrama.
- MATTOS, Sergio (2002): *História da Imprensa no Brasil*, Petrópolis, Vozes.
- OTA, Daniela (2006): A informação jornalística em rádios de fronteira: a questão da binacionalidade em Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro. Tese, Doutorado em Comunicação, Universidade de São Paulo.
- RADATZ, Vera L. S. (2009): Rádio de fronteira: da cultura local ao espaço global. Tese, Doutorado em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- RESENDE, Monica (2005): Midia impressa na Triplice Fronteira: Estudo do jornal local A Gazeta do Iguacu. Dissertação, Mestrado em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo.
- RUDIGER, Francisco R. (1993): *Tendências do Jornalismo*, Porto Alegre, UFRGS.
- SÁNCHEZ RUIZ, Enrique (2005): *Medios de comunicación y democracia*, Bogotá, Norma.
- SILVEIRA, Ada C. (2009a): “Janelas da identidade: Os vários mundos propostos pelo Núcleo de Especiais da RBS”. Em DUARTE, E. B. y CASTRO, M. L. D. (Orgs.), *Núcleo de especiais RBS TV: ficção e documentário regional*, Porto Alegre, Sulina, pp. 147-168.
- SILVEIRA, Ada C. (2009b): “O humor e o Pós-moderno. A voz picaresca de O Analista de Bagé”. Em FELIPPI, A. y NECCHI, V. (Orgs.), *Mídia e identidade gaúcha*, Santa Cruz do Sul, UNISC, pp. 60-83.
- SILVEIRA, Ada C. (2006): “Mídia, intertextualidade e estereótipo: meta e pequenas narrativas identitárias”, *Alceu*, Rio de Janeiro, 6, 12, pp. 140-154.
- SILVEIRA, Ada C. (2003a): *O espírito da cavalaria e suas representações midiáticas*, Ijuí, Unijuí.
- SILVEIRA, Ada C. (2003b): “Borderlands. The variety of communication strategies in southern Brazil”. Em MIÈGE, B. e TREMBLAY, G. (Dir.), *2001 Bagues. Globalisme et pluralisme*, Vol. I, Montreal, Les presses de la Université Laval, pp. 271-286.
- SILVEIRA, Ada C. (2001): El espíritu de la caballería y sus representaciones mediáticas. Intertextualidade, memoria y estereotipo en la identidad gaúcha. Tesis Doctoral. Servei de Publicacions de la Universitat Autònoma de Barcelona (edicions microfotogràfiques).
- SILVEIRA, Ada C. (1999): “The Mercosur crossroads”, *Proceedings of II Colloquium on Cultural Industries and Mass Communication*, Austin, University of Texas.
- SILVEIRA, Ada C. (1998): “The gaúchos and their representations”, *Proceedings of 21st Scientific Conference and General Assembly of IAMCR*, Glasgow.
- SILVEIRA, Ada C. M. e SEIBT, Micheli (2006): “JN e a estrela errante da produção local”, *Contracampo*, Niterói, 17, pp. 90-102.

- SILVEIRA, Ada C. M. e STEVENS, Leandro (2006): “Globalização, reconhecimento identitário e estratégias de localização”, *Revista Comunicação Midiática*, Bauru, 6, pp. 30-50.
- SILVEIRA, Ada C. M. e STÜRMER, Adriana (2009): “Identificação com a audiência: produção televisiva local”, *MATRIZES*, São Paulo, 2, pp. 247-268.
- SILVEIRA, Ada C.; BARLETTE, Aliandra R.; STEVENS, Leandro; ADAMCZUK, Lindamir e SEIBT, Micheli (2007): “Mídia e discursividade. O concerto polifônico das fronteiras brasileiras”, *Intercom - XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Santos, pp. 1-12.
- SMITH, Anthony D. (1997): *La identidad nacional*, Madrid, Trama.
- SODRÉ, Nelson W. (1988): *História da literatura brasileira*, Rio de Janeiro, Bertrand.
- STÜRMER, Adriana e SILVEIRA, Ada C. (2008): “Narrativas da herança multicultural: televisão e identidade discursiva”, *Revista Galáxia*, São Paulo, 15, p. 139-153.
- STÜRMER, Adriana e SILVEIRA, Ada C. (2006): “A casa da vovó na TV: a captura de uma identidade étnica e sua representação televisiva”, *UNRevista*, São Leopoldo, pp. 1-15.
- TOURINHO, Carlos (2007): *Jornalismo regional e optativo na Rede Globo*, Vitória, Espaço Aberto.
- VANPRÉ, Osvaldo (1979): *Raízes e evolução do rádio e da televisão*, Porto Alegre, FEPLAM-RBS.
- VARELA, Mirta (2007): “Medios de comunicación e industrias culturales: Historias nacionales y problemas globales”. Em HAUSSEN, D.; CIMADEVILLA, G. e DE MORAIS, O. (Orgs.), *Comunicação no Mercado Digital*, Santos, Intercom, pp. 175-188.
- WEBER, Andrea F. (2011a): “A circulação do Português e do Espanhol na Fronteira: o global e o local no espaço entre-línguas”, *Raído*, Dourados, 5, pp. 218-229.
- WEBER, Andrea F. (2011b): “Valores de pertencimento local no jornalismo fronteiriço”, *Signo*, Santa Cruz, 36, pp. 90-104.
- WEBER, Andrea F. e RAIMONDI, Mariana (2011): “Os sentidos do país vizinho em jornais da fronteira de Sant’Ana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai)”, *Ideação*, Foz do Iguaçu, 3, pp. 81-107.
- WILLIAMS, Raymond (1979): *Marxismo e literatura*, Rio de Janeiro, Zahar.
- ZAMIN, Angela M. (2012): “A fronteira no rádio comunitário”. Em FOSSÁ, M. I. T.; SILVEIRA, A. C. M. e LISBÔA Fo., F. (Orgs.), *Rádios: sociedade, fronteira, educação*, Santa Maria, FACOS-UFSM, pp. 197-223.
- ZAMIN, Angela M. (2008): *A discursivização do local-fronteira no Jornalismo. Estudo de caso de programas jornalísticos em rádios comunitárias*. Dissertação, Mestrado em Comunicação, Unisinos.